

**FACULDADE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Fernanda Tavares de Lima

AS DORES DA INFÂNCIA REVIVIDAS NO DRAMA ADULTO

FERNANDA TAVARES DE LIMA

AS DORES DA INFÂNCIA REVIVIDAS NO DRAMA ADULTO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Santo Antônio de Pádua como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof.^a Me. Adriana Chaves de Oliveira Ruback e Prof. Me. Dinart Rocha Filho

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Adriana Chaves de Oliveira Ruback, Mestre – Faculdade Santo Antônio de Pádua

Prof. Allan de Aguiar Almeida, Mestre – Faculdade Santo Antônio de Pádua

Prof. Dinart Rocha Filho, Mestre – Faculdade Santo Antônio de Pádua

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor da minha vida, do profundo do meu coração, em Ti encontrei o que nem eu mesma imaginava encontrar ou até mesmo procurar, quem me deu sentido para viver. Quem me restaura a esperança a cada amanhecer e nos dias mais sombrios, lá Tu estás. Agradeço, pois sei que um dia me escolheu, sem méritos meus. Por toda graça que me deu, todo amor oferecido. Tua presença doce e suave reafirma a cada dia o mais puro e intenso desejo que em mim habita: amar a ti por toda a eternidade.

Ao meu pai, Antônio José. Aquele que me marca com sua presença diária. Quando o sonho ainda era somente um sonho, me incentivou, acreditou e investiu, faz com que eu veja com clareza que meus sonhos e metas tem valor. Lembro-me e vejo em meus dias como luta com bravura para que eu consiga alcançar meus sonhos e metas. Meu exemplo de mansidão, persistência, força, dedicação e amor. Sua mansidão e amor foram essenciais para que esse caminho se tornasse mais leve e possível. E, para a construção da minha subjetividade, quantas histórias e quantas emoções. Quem mostra-me em carne como sou cuidada por Deus.

À minha mãe, Maria Helena. Mulher que no qual marcou-me e marca com sua força, amor, persistência e o desejo imenso de alcançar as pessoas com bondade e cuidado. Mostrou-me que a vida depende de mim. Lembro-me dos trabalhos dobrados para que eu pudesse focar naquilo que sonhava e conseguisse chegar até aqui. Suas orações e exemplos fizeram-me ter ainda mais força e persistência.

Aos meus familiares. Aqueles que muitas vezes se fizeram presente mesmo com toda distância. Não deixaram faltar palavras de conforto e motivação. Meu irmão e minhas tias. Meus eternos avós paternos, aqueles que guardo no coração e na memória, puderam fazer com que esse sonho crescesse em mim ainda muito nova. À minha avó, que no começo pode presenciar a minha emoção de ter conseguido dar mais um passo. Hoje lhe carrego no peito com a certeza que estaria vibrando comigo neste momento.

Aos meus amigos, aqueles que sabem exatamente quem são sem precisar citar. Nos dias difíceis marcaram-me com sua presença, dedicação, amor e cuidado. Fizeram com que a corrida tivesse outro olhar, ficasse mais leve. Suas palavras e orações foram essenciais. Cada um com sua forma de se expressar e se mostrar

presente, formaram e moldaram meu pensamento. A todos que me apoiam, torcem e acreditam no meu potencial.

Aos colegas de classe, que em todos esses anos juntos me ensinaram tanto. Tornaram o caminhar mais leve. Em especial, aquelas que se tornaram grandes amigas, Amanda, Danielly, Raphaela, Sara, Sthefany. Nossa troca contribuiu para todo o processo até aqui, a escuta sensível e atenta trouxeram conforto e reafirmaram que lá tinham pessoas comigo, para a vida. Sou grata por nossos caminhos terem se entrelaçado. Exemplos de mulheres fortes e que inspiram.

À banca, composta por profissionais que desde o início me marcaram com tamanha dedicação, profissionalismo e sensibilidade, cada um em sua área. Aqueles no qual, que me inspiram a me tornar a melhor profissional que puder ser. Eternamente grata por ter os conhecido e me permitido ser formada por profissionais excepcionais.

Aos meus orientadores, Adriana Ruback e Dinart Rocha Filho, pela disponibilidade, compreensão e orientação ao longo do processo.

À criança que fui, aquela que me motivou/instigou e me mostrou o caminho para a pesquisa. À criança que caminha comigo, no meu íntimo, aquela que me ensina, que mostra que muitos dos seus desejos/sonhos ainda estão em mim quanto adulta. Aquela que moldou o que sou hoje. Suas marcas ficaram em mim. À essência dela que quero preservar, sem ela tudo isso não seria possível.

E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas
E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar. [...]

Caminhos do Coração – Gonzaguinha

AS DORES DA INFÂNCIA REVIVIDAS NO DRAMA ADULTO

Fernanda Tavares de Lima

Orientador: Prof.^a Me. Adriana Chaves de Oliveira Ruback e Prof. Me. Dinart Rocha Filho

Graduanda em Psicologia pela Faculdade Santo Antônio de Pádua

RESUMO

O trauma é frequentemente concebido como eventos que foram vivenciadas precocemente, antes que o indivíduo pudesse simbolizá-las. O aspecto traumático reside na desconexão, na sensação de inadequação entre o sujeito e a sua sexualidade, independentemente da direção do desejo. Esse sofrimento, esse trauma, muitas vezes é revivido de forma inconsciente, sendo assim, reflete-se na vida adulta, como algo que está presente em todos nós, muitas vezes incompreendido. Portanto, explorar a perspectiva da psicanálise sobre esse tema mostra que cada ser é subjetivo e singular, moldado por traumas, muitos dos quais ocorrem na infância. Este artigo se propõe a responder o questionamento, “como essa criança ferida se manifesta dentro de nós?”. Para isso, descreveremos o desenvolvimento histórico da infância, a formação de sua subjetividade, o surgimento de possíveis traumas e sofrimentos durante essa fase, e discutiremos como esses traumas infantis se refletem na vida adulta. Destacando a importância de reinventar o significado de nossa história como uma maneira de aliviar o peso do futuro. A reinterpretção do passado e a descoberta de novos significados para as experiências sendo uma ferramenta poderosa para mudar o presente.

Palavras-chave: Trauma; Infância; Psicanálise.

INTRODUÇÃO

A relevância desse tema se encontra na possibilidade de notar-se o quanto os acontecimentos da infância deixam vestígios para a vida inteira, sendo que qualquer evento nos marca e nos transforma apenas na repetição, ou seja, quando é evocado, retomado, revivido. Os fatos da vida agem em nós pela história em que se integram. No entanto, a ideia de trauma está presente desde o início da psicanálise. O trauma está na raiz da neurose. Sendo a teoria do trauma a primeira elaborada por Freud para explicar os sintomas histéricos. O trauma é concebido como impressões que foram experimentadas precocemente, antes que o sujeito pudesse simbolizá-las. O traumático é exatamente esse desencaixe, esse inacabado, a

inadequação entre o sujeito e a sua sexualidade, independente da direção do desejo.

Sendo este, o sofrimento, o trauma, revivido muitas vezes inconscientemente e refletidos na vida adulta. Algo que se faz presente em todo sujeito, muitas vezes incompreendido. Portanto, pesquisar sobre o olhar da psicanálise em relação a este tema faz ainda mais sentido. Sendo um ser subjetivo, singular, formado por traumas, muitos vividos desde a fase infantil. Ouvir em análise, elaborar e conseguir enxergar além e ver o quanto hoje adulto, tem do eu criança, e o quanto muitas das ações, medos, angústias são reflexos destes eventos vividos, instigam ainda mais a pesquisa. Afinal, como surge uma criança ferida dentro de nós?

Compreendendo-se a infância como uma fase no qual se reflete pelo resto de nossas vidas, o que lá atravessa, entrelaça o sujeito. Como dito por Iaconelli (2022), “A vida é uma sucessão de perdas. Desde a chupeta que você entregou para o Papai Noel, o primeiro dente, o peito da mãe, a escola. Nós vamos ganhando com essas perdas outras coisas que nós também perderemos. Sem esse movimento não se vive”.

O trauma não diz respeito a um evento passado, mas de como este evento e os afetos envolvidos formam uma dinâmica sempre atualizada. O trauma trata-se sempre do agora. No entanto, como exposto por Contardo Calligaris (2010), “numa psicanálise, descobre-se que a vida adulta é sempre menos adulta do que parece. Ela é pilotada por restos e rastros da infância”.

Winnicott (1997) aponta que a vivência de eventos traumáticos que promovem conflitos existenciais ou privações marcadas por abusos e negligências ocorridos no processo de amadurecimento emocional podem afetar o desenvolvimento psíquico do sujeito, assim como seu sentimento de pertença, autoestima e identidade. E como exposto por Calligaris (2019) o que adianta revivermos nossos sofrimentos, se o que nos move é o hoje, o agora, sendo que o que pode ser modificado é o futuro. Tendo em vista também a questão de quererem soluções imediatas, como vamos reviver o passado (que é um processo demorado). Por este motivo que à necessidade de analisar o presente, para alterar o futuro. No entanto, pela receptividade de nossos primeiros anos, eles nos marcam com um ferro mais quente, que deixaria vestígios para a vida inteira.

Qualquer cura tem duas faces: uma, digamos assim, demolidora, que desfaz as certezas cristalizadas da história que nos acua em sintomas que, à vista de nosso passado, parecem inelutáveis, e outra, construtiva, que nos permite reinventar ou

modificar um pouco a história da qual seríamos o fruto. Duas razões, então, para que façamos o esforço de evocar o passado, em cada cura: para reinventar o sentido de uma história e para amenizar o peso do futuro, devolvendo assim, quem sabe, seu justo lugar ao presente de nossas vidas.

O presente artigo busca responder o questionamento, como surge uma criança ferida dentro de nós. Assim descrevendo sobre o desenvolvimento histórico da infância, a construção de sua subjetividade, o desenvolvimento de possíveis traumas e sofrimentos gerados durante a infância, assim, discutir sobre os reflexos dos traumas da infância na vida adulta, pontuando como reinventar o sentido de uma história para amenizar o peso do futuro. Reinterpretar o passado, descobrir novos sentidos para o que aconteceu é quase sempre uma maneira de mudar nosso presente.

A metodologia empregada será a revisão de literatura, a partir do conceito de interpretação, da psicanálise, a respeito dos traumas de infância que perpassam e são revividos na vida adulta, e a possível possibilidade terapêutica de reconhecer a criança ferida no adulto.

EU EXISTO POR QUE VOCÊ EXISTE: A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Freud nota a criança como um sujeito que sente tristeza, solidão, raiva, desejos destrutivos, vive conflitos e contradições, portadora de sexualidade, que escapa ao controle da educação e “[...] é capaz da maior parte das manifestações psíquicas do amor, por exemplo, a ternura, a dedicação e o ciúme” (FREUD, 1907-1976, p.139). As representações de crianças que aparecem com Freud nem sempre estiveram presentes. Percepções sobre as crianças e a infância mudaram ao longo dos séculos, com uma visão de mundo específica para um tempo e lugar específicos. O que pensamos sobre as crianças hoje não é uma verdade eterna. Pode-se dizer que é uma "invenção" da modernidade. Segundo o historiador francês Philippe Ariès (1981), ao longo da história, as crianças ocuparam e ocupam diferentes posições em relação às expectativas de seus pais e da sociedade. Ariès (1981), ainda diz que, até o século XVII as crianças não eram vistas como qualitativamente diferente dos adultos. Elas eram simplesmente consideradas menores, mais fracas e menos inteligentes. Este autor refere

documentos que descrevem crianças trabalhando por longos períodos, separadas de seus pais e sofrendo a brutalidade nas mãos dos adultos. (ARIES; DUBY, 1981, *apud* CHAMMAS, 2004).

Foucault (1996), a partir da noção de historicidade, compreende que a infância é uma construção histórica e social que vai sendo delineada a partir de culturas e épocas específicas, encontrando-se em constante processo de transformação. Portanto, não é natural nem universal e, principalmente, não é um fenômeno único, mas acima de tudo é ontológico. Segundo Müller (2006), ainda que a criança tenha existido desde os primórdios da humanidade, o conceito de infância foi uma invenção histórica e social da Era Moderna.

A criança vai construindo sua estrutura anímica através do discurso, por meio do qual emoção, interpretação e reelaboração de vivências são exteriorizadas, conforme indica Cavalcante (2001). Os laços afetivos desempenham um papel fundamental na construção da subjetividade de uma pessoa. As relações interpessoais, especialmente aquelas com pais, cuidadores, familiares e amigos próximos, tem um impacto profundo no desenvolvimento emocional, cognitivo e social de um indivíduo. Ou seja, os laços afetivos são uma licença essencial para a formação da subjetividade de uma pessoa. Eles moldam como desenvolvem a identidade única. A qualidade dessas relações pode ter um impacto duradouro em diversos aspectos da vida de uma pessoa, influenciando suas escolhas, relações futuras e bem-estar emocional.

A construção da criança começou antes mesmo de nascer. Antes de vir a este mundo, ela era imaginada, comentada e impressa pelos desejos inconscientes de seus pais. O filho esperado de certa forma representava algo para ambos os pais, e pela história de cada um já tinha lugar para um marcador simbólico. Essa criança freudiana existe antes do nascimento biológico e persiste no adulto, pois o que Freud enfatiza é a importância das impressões nos primeiros anos de vida para a compreensão dos transtornos no adulto. Freud observa que o nascimento de um filho nunca corresponde exatamente ao que os pais esperam dele, pois o que eles esperam é a perfeição. Ele refere-se a isso escrevendo que os pais

[...] acham-se sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho [...] e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele [...] A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram [...] O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetual, inequivocamente, revela sua natureza anterior (FREUD, 1914/1974, p.108)

Por isso os pais, ou qualquer outro adulto, sempre idealizam a criança, é inevitável. Esperam que seja esperta, educada, obediente, boa aluna, limpa, ordeira, etc., enfim, uma “supercriança” que se tornará um “superadulto”. Como é impossível a qualquer ser humano atingir a perfeição, quanto mais se espera de uma criança, mais ela pode falhar, e esse fracasso pode até ser "saudável", pois fracassar diante de um ideal inatingível é condição de encontrar seu próprio caminho, tentando usar suas propriedades específicas e únicas, de fato sua singularidade.

Outro aspecto importante que merece destaque na relação entre crianças e adultos é a amnésia infantil. Freud se refere a essa amnésia infantil, que a ciência conhece e explica devido à imaturidade funcional da criança em registrar suas impressões, e apresenta uma explicação concreta. Laplanche e Pontalis (1976, p.52), no verbete amnésia infantil, escrevem de maneira bem clara que é a

amnésia que geralmente cobre os fatos dos primeiros anos de vida. [Para Freud] ela resulta do recalçamento que incide na sexualidade infantil e se estende à quase totalidade dos acontecimentos da infância. O campo abrangido pela amnésia infantil encontraria o seu limite temporal [por volta dos cinco ou seis anos].

Este conceito desafia a noção de infância como um período calmo e tranquilo, enfatizando que as crianças também precisam encontrar significado nas muitas questões e mistérios que causam muita ansiedade, como "de onde viemos", "por que estamos aqui", "para onde vamos", "o que é a morte, o sexo, o mal, a rejeição, o desejo, os limites, o amor". Isso significa que também vivem conflitos e contradições diante das questões fundamentais do homem diante de si mesmo e sobre os grandes mistérios da vida e do universo.

AS DORES DO CRESCER: ESTRUTURADOR DA SUBJETIVIDADE

O processo de crescer e se desenvolver está intrinsecamente ligado a construção da subjetividade. As “dores do crescer” referem-se aos desafios, dificuldades e experiências emocionais que acompanham o processo de amadurecimento e que desempenham um papel fundamental na formação da perspectiva individual. Essas dores variam amplamente de pessoa para pessoa, mas

geralmente tem um impacto profundo na maneira como interpretamos a nós mesmos e ao mundo ao nosso redor.

Para a psicanálise, o trauma é o resultado de eventos externos que o sujeito não consegue integrar ao seu psiquismo. Isso ocorre quando acontecimentos chegam até o indivíduo, mas não podem ser compreendidos ou processados adequadamente. Portanto, o trauma é originado quando o evento não é incorporado à experiência psíquica do sujeito. Como dito por Mees (2001, p.11)

(...) causa aturdimiento e fica, na vida do sujeito, enquistado como um corpo estranho, sem sentido e sem elaboração. O trauma tem sua origem no início da vida de cada sujeito, quando as relações de linguagem – que organizam o mundo do ser humano – recepcionam o pequeno ser, o qual não tem bagagem para entender/responder àquilo que lhe é dito e pedido. Devido a este desamparo/despreparo, o que chega ao pequeno sujeito não tem como ser incorporado por ele. Entretanto, algo fica marcado em seu psiquismo, de forma que, em um momento posterior, este acontecimento é convocado, constituindo, agora sim, um trauma.

Os traumas psíquicos podem ter um impacto profundo na construção da subjetividade de uma pessoa afetando sua visão de si mesmo, emoções, relações e perspectiva sobre o mundo. Quando sofrido na infância, tem uma alta possibilidade de serem refletidos na vida adulta de várias maneiras. Esses traumas podem ter um impacto profundo e duradouro nas experiências e no desenvolvimento emocional do indivíduo. Algumas das maneiras em que pode ser refletido na vida adulta, são nos padrões de relacionamento, autoestima e autoimagem, regulação emocional, memórias intrusivas e padrões de autossabotagem. As aprendizagens e decisões que as crianças tomam ao longo de sua vida, principalmente aquelas frente a situações traumáticas, estressantes e desconfirmadoras, limitam as percepções das escolhas na vida adulta. (CUKIER, 2017, p. 18).

Winnicott (1997) aponta que a vivência de eventos traumáticos que promovem conflitos existenciais ou privações marcadas por abusos e negligências ocorridos no processo de amadurecimento emocional podem afetar o desenvolvimento psíquico do sujeito, assim como seu sentimento de pertença, autoestima e identidade.

Os psicanalistas, de longa data, vêm relacionando as neuroses da vida adulta aos traumas infantis. Freud (1895, p. 17), atribuiu às experiências sexuais prematuras um papel determinante na etiologia das psiconeuroses na vida adulta. Muitos casos clínicos se sucederam, na obra de Freud (1905 e 1917), relacionando

as experiências sexuais precoces com as neuroses na vida adulta. (*apud* ZAVASCHI, 2003).

Como adultos prisioneiros dos traumas da própria infância. Refere-se a todos cuja sensibilidade infantil foi usada consciente ou inconscientemente, por seus educadores/cuidadores, para servir a seus próprios anseios e propósitos. A criança precisa do amor do adulto para viver. Como adultos, no qual enxergam que tiveram uma infância aparentemente boa, quando questionados, afirmam ter tido uma infância feliz e protegida, mas não conseguem ver que além do sentimento de uma infância relatada como feliz, existiu uma criança que desde cedo aprendeu a perceber e sentir o que seu cuidador precisava ou que lhe faltava. São crianças que aprenderam a ignorar o seu próprio mundo emocional e a ficarem absortas no mundo afetivo dos pais. Uma criança pode sentir dificuldade em compartilhar seus sentimentos com seus cuidadores devido à falta de empatia ou receptividade por parte dos pais. Para manter o amor e a liberdade de seus pais, a criança pode adotar uma estratégia de suprimir suas emoções óbvias, escondendo sentimentos como raiva, ciúmes e inveja, e passando a exibir apenas as emoções que seus pais esperam dela, como calma, compreensão e alegria. Ao reprimir suas emoções autênticas, a criança pode internalizar sentimentos negativos, criar um senso de desconexão de suas próprias emoções e desenvolver uma máscara emocional para se ajustar às expectativas dos pais. Isso pode levar a problemas futuros, como dificuldades no manejo saudável das emoções, falta de autoconsciência emocional e possivelmente problemas de autoestima. Podendo também, essa supressão de emoções impactar os relacionamentos interpessoais da criança à medida que ela cresce, tornando-a menos capaz de se expressar e se conectar emocionalmente com os outros. O que cabe refletir em Miller (1997, p.8): “o pavor ante o menor sinal de desaprovação, que para ela significa ameaça de abandono, é o instrumento de opressão utilizado no processo de adaptação do bebê”.

O que não é demais ressaltar é que mais tarde, quando adultos, essas ações podem ser gravemente refletidas no sujeito, como, por exemplo, compreendendo a vida como inútil e insípida, ou até mesmo neuroses mais severas ou até perturbações piores.

No contexto da teoria lacaniana, a angústia muitas vezes está ligada à experiência do sujeito como dividido ou fragmentado, e a ideia de que a identidade e o tempo são complexos e fluidos. Lacan explorou profundamente as complexidades da psique humana, a relação entre linguagem, desejo e suas ideias frequentemente

envolvem conceitos psicanalíticos complexos. “A angústia surge do momento em que o sujeito está suspenso entre um tempo em que ele não sabe mais onde está, em direção há um tempo onde ele será alguma coisa na qual jamais se poderá reencontrar.” (LACAN 1995, p.231).

Lacan ressalta a ideia de que a angústia é uma experiência psicológica que surge da interação entre o passado e o futuro, da sensação de estar perdido no tempo e da ansiedade em relação a uma identidade em constante transformação.

Sigmund Freud (1907-1970, p.49) reflete uma ideia que é consistente com muitos dos princípios da psicanálise e da teoria freudiana, “a fuga é o caminho mais seguro para se tornar prisioneiro daquilo que se quer evitar”.

A citação sugere que tentar escapar ou evitar deliberadamente algo que causa desconforto ou ansiedade pode, paradoxalmente, levar a uma forma de prisão psicológica. Isso pode ser entendido em relação aos conceitos freudianos, como mecanismos de defesa. Freud argumentava que, ao invés de enfrentar diretamente conflitos internos ou emoções perturbadoras, as pessoas muitas vezes recorrem a mecanismos de defesa, como a negação ou a repressão. No entanto, esses mecanismos de defesa podem criar uma separação entre o consciente e o inconsciente, o que pode levar a problemas psicológicos mais profundos. Em outras palavras, fugir ou evitar questões emocionais pode resultar em uma prisão inconsciente na qual essas questões continuam a exercer influência sobre o indivíduo de maneira não reconhecida.

Contudo, é importante reconhecer que a jornada de recuperação é possível e muitas pessoas conseguem encontrar maneiras de crescer, curar e construir uma subjetividade mais fortalecida após experiências traumáticas.

A POSSIBILIDADE TERAPÊUTICA DE RECONHECER A CRIANÇA FERIDA DENTRO DO ADULTO: DO LIMÃO UMA LIMONADA

A exigência de repetir o passado é mais forte que buscar no futuro um acontecimento prazeroso. A compulsão a repetir é uma pulsão primária e fundamental, não se trata de um princípio que orienta, mas de uma tendência que exige retornar, reencontrar aquilo que já aconteceu. O desejo ativo do passado, mesmo que tenha sido ruim para o eu, explica-se por esta compulsão a retomar o

que não foi concluído, como se as pulsões inconscientes nunca se resignassem a ficar condenadas ao recalçamento (NASIO, 1995).

Fernando Pessoa cita em um de seus poemas, “a criança que fui chora na estrada. Deixei-a ali quando vim ser quem sou; mas, hoje, vendo que o que sou é nada, quero ir buscar quem fui onde ficou” (PESSOA, 1933, s/p). O poema sugere um desejo de reconectar com a simplicidade que existia na infância, e uma reflexão sobre como as experiências da vida adulta podem refletir essa criança interior. É um lembrete poderoso de que, mesmo quando crescemos e mudamos, há algo precioso em nossa essência infantil que vale a pena preservar e valorizar.

Segundo Freud, “o que é inconsciente é também o que é infantil”. (FREUD, 1916, p. 252). A afirmação desse autor na XIII Conferência Introdutória é um princípio importante da teoria psicanalítica que enfatiza a relação entre o inconsciente e o aspecto infantil da psique. Nessa conferência, Freud argumentou que muitos dos pensamentos mentais que ocorrem no inconsciente têm raízes na infância e na experiência infantil. A associação entre o inconsciente e o infantil está ligada à ideia de que o inconsciente abriga conteúdos que não estão sob controle consciente e que podem ser emocionalmente poderosos. Muitos dos pensamentos que ocorrem no inconsciente têm um tom emocional semelhante ao que uma criança experimentaria, incluindo desejos, medos, fantasias e conflitos não resolvidos. Essa ligação entre o inconsciente e o infantil é uma das razões pelas quais a psicanálise busca explorar as experiências e os eventos da infância como forma de compreender melhor as dinâmicas psicológicas de um indivíduo. Ao investigar as origens de certos padrões de comportamento, sintomas ou dificuldades emocionais, os psicanalistas frequentemente examinam eventos da infância para identificar possíveis conexões. A interconexão entre o inconsciente e o infantil na teoria psicanalítica de Freud, destaca que aquilo que está fora do alcance consciente muitas vezes tem suas raízes nas experiências e processos emocionais da infância.

Cukier destaca a importância de compreender e abordar as “feridas de infância” para promover ações reparadoras, dignas e conscientes, enquanto se evitam abusos de poder. Esse conceito está alinhado com muitas abordagens terapêuticas e psicológicas, incluindo a psicanálise e outras formas de terapia centradas na compreensão das influências do passado sobre o presente. “Que nossas “feridas de infância”, quando compreendidas, possa nos guiar para ações reparadoras e vigilantes que honrem a dignidade humana e evitem abusos de poder”. (CUKIER, 2017, p. 15).

As "feridas de infância" referem-se a experiências, traumas, conflitos ou padrões de interação que ocorreram durante a infância e que podem continuar a afetar o indivíduo na vida adulta. Essas experiências podem deixar uma marca consistente na subjetividade da pessoa, moldando sua maneira de pensar, sentir e se comportar. O entendimento dessas influências pode permitir que uma pessoa reconheça e lide com padrões disfuncionais ou insalubres em sua vida. Ao compreender as origens dessas feridas e os efeitos que elas têm sobre o comportamento e as emoções atuais, é possível tomar medidas para curar, crescer e promover a saúde mental e emocional. Isso pode envolver o trabalho terapêutico para explorar as emoções associadas às feridas, identificar padrões específicos e desenvolver estratégias para lidar com eles de maneira mais saudável. Ressaltando a importância da autoconsciência, da cura emocional e do uso dessa compreensão para promover uma vida mais consciente, responsável e compassiva. É um lembrete de que nossas experiências passadas moldam nossos comportamentos e interações presentes, mas também nos dão a oportunidade de crescer, curar e contribuir para um mundo mais humano e respeitoso. Como citado por (CUKIER, 2017, p. 26) "Antes de sermos "Eu", somos "nós", ou seja, é o relacional, sobretudo a relação que estabelecemos com os nossos primeiros cuidadores, a pedra inaugural da nossa identidade no qual, refletirá quais serão nossas expectativas de relacionamento com o mundo".

No entanto, é importante lembrar-se das sábias palavras de (LYA LUFT, 2003, s/p): "A infância é o chão sobre o qual caminharemos pelo resto de nossos dias".

Mas uma coisa sabe: qualquer evento nos marca e nos transforma só na repetição ou, melhor dito, num segundo momento, em que ele é evocado, retomado, revivido. Qualquer cura tem duas faces: uma, digamos assim, demolidora, que desfaz as certezas cristalizadas da história que nos acua em sintomas que, à vista de nosso passado, parecem inelutáveis, e outra, construtiva, que nos permite reinventar ou modificar um pouco a história da qual seríamos o fruto. Duas razões, então, para que façamos o esforço de evocar o passado, em cada cura: para reinventar o sentido de uma história e para amenizar o peso do futuro, devolvendo assim, quem sabe, seu justo lugar ao presente de nossas vidas (CALLIGARIS, 2004, *apud* ALVES, 2011).

Uma análise necessita que o sujeito perca sua confiança em si mesmo e que não se recupere rapidamente, de maneira que a questão insista, permaneça aberta

para que ele siga trabalhando. Como dito pela psicanalista Minerbo (2023, p.19): “Enquanto o traumático não for elaborado o passado não passou e pode continuar nos assombrando em cada esquina”.

Em todos os casos em que há trauma é preciso interrogar sobre sua razão, o seu por quê. Uma vez que, como apresentado por Freud no decorrer de sua obra (1893-1939), “a cura não vem do esquecer. Vem do lembrar sem sentir dor. É um processo”. Freud destaca a ideia de que a cura não se baseia simplesmente em esquecer traumas ou eventos dolorosos, mas sim em lembrar deles sem sentir dor. Isso sugere que o processo terapêutico envolve lidar com as emoções e experiências passadas de uma forma que permite que uma pessoa compreenda e se integre de uma maneira saudável, sem ser fonte de sofrimento contínuo. Enfatiza a importância de explorar o inconsciente e trazer à consciência pensamentos, sentimentos e memórias reprimidas. O processo terapêutico na psicanálise frequentemente envolve a análise dessas memórias e emoções para promover a compreensão e, eventualmente, o sofrimento psicológico. Portanto, destaca a ideia de que a cura não é simplesmente esquecer o passado, mas sim abordá-lo de maneira a permitir uma transformação e resolução das questões emocionais que podem estar relacionadas a essas lembranças dolorosas. É um processo de autodescoberta e crescimento emocional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise profunda das complexas relações entre a infância e a vida adulta sob a perspectiva da psicanálise, este trabalho destaca a importância crucial de compreender-se o impacto que os eventos da infância têm sobre nós. Como mostrado ao longo deste estudo, as experiências precoces moldam nossa subjetividade de maneira profunda, deixando vestígios que permeiam a existência ao longo de toda a vida.

A teoria do trauma, que remonta aos primórdios da psicanálise, demonstra que essas experiências precoces podem ser traumáticas, resultando em sintomas que persistem na vida adulta. E como já exposto, o trauma não se refere apenas a eventos passados, mas à forma como essas experiências e os afetos associados a elas influenciam nossa dinâmica psíquica no presente.

A abordagem terapêutica, conforme discutida por diversos autores, como Freud, Calligaris e Winnicott, ressalta a necessidade de explorar o passado para reconstruir o sentido da história pessoal e, assim, aliviar o peso do futuro. É através da compreensão profunda de nossas experiências infantis que podemos trabalhar para modificar o presente e, por extensão, moldar um futuro mais saudável.

Em última análise, este estudo destaca a importância da psicanálise na exploração dessas questões e fornece insights importantes sobre como uma criança ferida que reside em cada um de nós pode ser reparada e reintegrada à vida adulta. Assim, ao compreender como uma criança ferida pode surgir dentro de nós e como podemos reinterpretar o passado para construir nosso presente, reinventando o sentido de uma história para amenizar o peso do futuro, devolvendo assim, quem sabe, seu justo lugar ao presente de nossas vidas.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

CALLIGARIS, Contardo. **Cartas a um jovem terapeuta: o que é importante para ter sucesso profissional**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

CALLIGARIS, Contardo. **Cartas a um jovem terapeuta: reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

CALLIGARIS, Contardo. **Para que serve a psicanálise?**. São Paulo, quinta-feira de agosto de 2010. Disponível:
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2608201022.htm>. Acesso: 17 jun. 2023.

CAVALCANTE. **Família, subjetividade e linguagem**: Gramáticas da criança "anormal". 2001. *Ciência e Saúde Coletiva*, 6(1), 125-137. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/csc/a/tvpMsbhPqgvjVHgkHwg6ySq/?lang=pt>. Acesso em: 02 nov. 2022.

CHAMMAS, J. Oberhofer, P.R. Centa, M.L. **Trauma na infância**. 1994. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-165326>. Acesso: 02 nov. 2022.

CUKIER, Rosa. **Sobrevivência emocional: as dores da infância revividas no drama adulto**. 7 ed. São Paulo: Ágora, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996. Disponível em: <http://www.cidadaniaereflexao.com.br/uems2018/Microfsica%20do%20Poder.pdf>

FREUD, Sigmund. **Aspectos arcaicos e infantilismo dos sonhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 16). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1969. (Trabalho original publicado em 1916).

FREUD, Sigmund. **Esboços para a “Comunicação Preliminar”**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 1, p. 207-216). Rio de Janeiro: Imago, 1893.

FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a histeria**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1895 (Vol. 2, p. 1-17).

FREUD, Sigmund. **O esclarecimento sexual das crianças**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 9, pp. 135-144). Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Originalmente publicado em 1907).

FREUD, Sigmund. **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 14, pp. 85-119). Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Originalmente publicado em 1914).

FREUD, Sigmund. **Um Caso de Histeria, Três Ensaios sobre a Sexualidade e outros Trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago, 1905.

GONZAGUINHA. **Caminhos do coração** (clipe de 1982). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CaNMouX_QKg. Acesso: 31 ago. 2023.

IACONELLI. **Café filosófico CPFL**. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nLpGnkeCMA8>. Acesso: 26 mai. 2022.

LACAN, J. **O seminário, livro 4: a relação de objeto**. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995.

LAPLANCHE, J; PONTALIS J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. Lisboa: Moraes, 1976.

LUFT. Lya. **A infância é o chão sobre o qual caminharemos pelo resto de nossos dias**. 2003. Disponível em:

<http://biblioteca.saolourenco.sc.gov.br/2013/02/perdas-e-ganhos-lya-luft.html>. Acesso: 16 nov. 2022.

MEES, L. A. **Abuso sexual – trauma infantil e fantasias femininas**. Porto Alegre: Artes e Ofícios. 2001.

MILLER, Alice. **O drama da criança bem dotada: como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos**. Tradução de Claudia Abeling. Ed. Ver. E atual. São Paulo: Summus, 1997.

MINERBO, Marion. **Notas sobre a aptidão à felicidade**. São Paulo: Blucher, 2023.

MÜLLER, F. **Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência**. Educação e Sociedade, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/t5MFKhqkjyqgcqXv8BFcpxC/?lang=pt>. Acesso em: 02 nov 2022.

NASIO, J.D. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

PESSOA, Fernando. **A criança que fui chora na estrada**. 1933. Acesso: 08 nov. 2022.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Editora Martins Fontes. 1997.